

NEUTRALIZAÇÃO DA VOGAL POSTÔNICA NÃO-FINAL NA CIDADE DE SAPÉ-PB

André Pedro da SILVA
Universidade Estadual da Paraíba
pedroufpb@gmail.com

Resumo: Este trabalho descreve o processo de neutralização da vogal postônica não-final, em nomes, no dialeto da cidade de Sapé-PB. Muitas regras fonológicas atuam no sistema vocálico do Português Brasileiro (doravante PB) e as vogais médias são quase sempre alvo destas regras, como é o caso da neutralização, apontado como recorrente em palavras proparoxítonas por vários estudiosos do PB, como Câmara Jr (1979), Amaral (1999), Bisol (1999, 2002), Battisti e Vieira (2005). A questão reside na neutralização desta vogal na versão de Câmara Jr que reduz o sistema da série posterior, criando um conjunto assimétrico, não-natural /i, e, a, u/, que na fonologia do português, dificilmente se justificaria como contexto de regra. A partir de resultados de uma análise de regra variável, levantou-se a hipótese de regularização destas vogais a um quadro simétrico de sete vogais, bem como sua variação não só ao alçamento das médias não finais /i, u/: cóc[i]ga, pér[u]la; mas também a sua abertura /ε, a, ɔ/: cóc[ε]ga, pér[ɔ]la. Confirmou-se que esta vogal, no dialeto em estudo, tende abrir mais que alçar; que a abertura é engatilhada pela vogal aberta tônica; e que postônica medial apenas sofrerá alçamento quando houver uma líquida vibrante ou uma oclusiva nasal como consoantes precedentes.

Palavras-chave: Teoria variacionista; Neutralização; Vogais postônicas mediais; Apagamento.

1. INTRODUÇÃO

Há um grande número de regras fonológicas atuantes no sistema vocálico do PB. Por vezes, estas regras são de natureza prosódica, fonotáticas¹ ou morfológicas (BATTISTI e VIEIRA, 2005). E as vogais médias são quase sempre alvo destas regras fonológicas: ora alternando entre si, ora alternando com vogais altas.

De acordo com estas regras, além do apagamento da vogal postônica não final entre as vogais médias e as vogais altas, os dados aqui trabalhados apontam para este efeito, o da alternância vocálica. Esta alternância ocorre quando o processo de apagamento não pode acontecer em determinadas situações, ou seja, quando a fonotática da língua não permite a síncope, ou, então, quando outro processo fonológico atua em lugar dela, como é o caso da neutralização, apontado como recorrente em palavras proparoxítonas por vários estudiosos do PB, como Câmara Jr (1979), Amaral (1999), Bisol (1999, 2002), Battisti e Vieira (2005).

¹ Regras fonotáticas são regras específicas de cada língua, que determinam as posições em que cada som ou seqüências de sons pode aparecer, como por exemplo: na língua portuguesa é permitida a seqüência BR (braço, branco, Brasil), mas não a seqüência RB.

2. O SISTEMA VOCÁLIDO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

As vogais portuguesas constituem o que Trubetzkoy chamou de sistema vocálico triangular. Seriam vogais anteriores, produzidas por meio de um avanço da parte anterior da língua com elevação gradual; vogais posteriores, causadas por um recuo da parte posterior da língua seguida também de uma elevação gradual e um progressivo arredondamento dos lábios, entre as quais, tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo do triângulo de base para cima. Com a elevação gradual da língua, tanto na parte anterior quanto na posterior, classificam-se articulatoriamente como vogal baixa, vogais médias abertas (1º grau), vogais médias fechadas (2º grau) e vogais altas. Segundo Câmara Jr. (2002, p. 41), tem-se o seguinte quadro:

(1)

altas	/u/		/i/	
médias	/o/		/e/	(2º grau)
médias	/ɔ/		/ɛ/	(1º grau)
baixa		/a/		
	posteriores	central	anteriores	

Assim, no contexto da sílaba tônica, os sons vocálicos são simétricos e criam oposições como *b[a]to*, *b[e]co*, *b[ɛ]to*, *b[o]to*, *b[ɔ]to*, *b[i]co*, *b[u]le*. É importante observar que se classificam em vogais nasais (ou nasalizadas, de acordo com CÂMARA Jr., [1970] 2002.), tônicas, pretônicas e postônicas orais. Estas últimas se subdividem em postônicas finais e mediais. Câmara Jr (op. cit., p. 43-44) propõe o seguinte quadro para as vogais nasais ou nasalizadas (quando diante de consoante nasal na sílaba seguinte):

(2)

altas	/ũ/		/ĩ/
médias	/õ/		/ẽ/
baixa		/ã/	
		[â]	

exemplificadas como: *c[ã]to*, *b[ẽ]to*, *c[õ]to*, *b[ĩ]go* e *m[ũ]ito*. Já o das vogais pretônicas é:

(3)

altas	/u/		/i/
médias	/o/		/e/
baixa		/a/	

como por exemplo: *p[a]nela*, *m[e]diocre*, *m[o]leque*, *m[i]nhoca* e *b[u]zina*². O quadro das postônicas dos proparoxítonos ou penúltimas vogais átonas fica assim:

² No registro do dialeto carioca (informal), as oposições /o/ – /u/ e /e/ – /i/ ficam prejudicadas, pois há uma tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica quando esta é átona. Esse fenômeno, de acordo com Câmara Jr. (2002, p. 44), foi chamado, por Silveira (1960), de *Harmonização Vocálica*.

- (4)
- | | | |
|--------|-------|-----|
| altas | /u/ | /i/ |
| médias | /.../ | /e/ |
| baixa | /a/ | |

como: *sáb[a]do*, *câm[e]ra*, *mús[i]ca* e *cúm[u]lo*. No que diz respeito às vogais átonas finais³, apresenta-se da seguinte forma:

- (5)
- | | | |
|-------|-----|-----|
| altas | /u/ | /i/ |
| baixa | /a/ | |

e teria como exemplos os seguintes vocábulos: *cas[a]*, *bol[u]* e *fom[i]*.

As vogais constituem o ápice da sílaba que, por sua vez, apresenta-se como pretônica, tônica e postônica, a depender da intensidade (força expiratória), associada, por conseguinte, a uma ligeira elevação da voz (tom). Nesse sentido, deter-se-á aqui apenas a postônica, porque está intrinsecamente ligada ao presente estudo: apagamento e consecutiva ressilabação das vogais postônicas não finais.

3. AS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

De acordo com Silva (2002, p. 87), em alguns dialetos do português brasileiro, encontra-se essa variação de pronúncia das vogais postônicas não finais; isso, devido ao estilo de fala: formal e informal. Têm-se, na maioria dos dialetos do português brasileiro, em estilo formal, as vogais [i, e, a, o, u] ocorrendo em posição postônica não final. Já em alguns outros dialetos, como o da Região Nordeste, por exemplo, as vogais [ɛ, ɔ] ocorrem em posição postônica medial em estilo formal. O quadro a seguir mostra como se daria essa possibilidade de variação entre o dialeto carioca⁴, representando a Região Sudeste, e o da Região Nordeste, representado pelo dialeto sapeense:

Estilo Formal	Português Brasileiro	Dialeto Sapeense
música	mús[i]ca	mús[i]ca
pêssego	pêss[e]go	pêss[e]go
cérebro	cér[e]bro	cér[ɛ]bro
pétala	pét[a]la	pét[a]la
agrônomo	agrôn[o]mo	agrôn[o]mo
abóbora	abób[o]ra	abób[ɔ]ra
círculo	círc[u]lo	círc[u]lo

QUADRO 1 – COMPARAÇÃO ENTRE OS DIALETOS CARIOCA E SAPEENSE NO ESTILO FORMAL⁵

³ Esteja essa vogal diante ou não de /s/ no mesmo vocábulo.

⁴ Seguindo a ideia de Câmara Jr (1979), mesmo seu estudo sendo realizado de forma intuitiva, não seguindo os padrões sociolinguísticos.

⁵ A ideia de estilo foi retirada a partir de Silva (2002, p. 87).

Em ambos os dialetos, todas as cinco vogais [i, e, a, o, u] aparecem. A distinção entre estes dialetos acontece quanto à ocorrência das vogais [ɛ, ɔ]. A ocorrência das vogais [e, o] e [ɛ, ɔ], em posição postônica não final, depende, principalmente, da vogal tônica que a precede (SILVA 2002, p. 87).

Em um estilo informal, a distribuição da vogal postônica não final, na maioria dos dialetos do português brasileiro, que ocorrem no estilo formal como [i, a, u], é reduzida respectivamente a [ɪ, ə, ʊ] no informal⁶.

	Estilo Formal	Estilo Informal
Pacífico	pacíf[i]co	pacíf[ɪ]co
Chácara	chác[a]ra	chác[ə]ra
Triângulo	triâng[u]lo	triâng[ʊ]lo

QUADRO 2 – COMPARAÇÃO ENTRE OS ESTILOS FORMAL E INFORMAL

Remetendo-se agora à redução das vogais médias [e, ɛ, o, ɔ], em posição postônica não final, Silva (2002, p. 90) observa que as vogais postônicas [o, ɔ] são reduzidas a [ʊ] na maioria dos dialetos do PB. Já na comunidade linguística sapeense, não ocorre esta redução. De acordo com o quadro abaixo, tais vogais mediais labiais podem manter-se fechadas e sofrer processos fonológicos de abertura (o mais normal, em se tratando de fazer parte da Região Nordeste) e o de alçamento.

	Português Brasileiro		Dialeto Sapeense	
	Estilo Formal	Estilo Informal	Estilo Formal	Estilo Informal
pérola	pér[o]la	per[ʊ]la	pér[o]la	pér[ɔ]la
cócora	cóc[o]ra	cóc[ʊ]ra	cóc[o]ra	cóc[ɔ]ra
árvore	árv[o]re	árv[ʊ]re	árv[o]re	árv[ʊ]re
agrônomo	agrôn[o]mo	agrôn[ʊ]mo	agrôn[o]mo	agrôn[ʊ]mo

QUADRO 3 – COMPARAÇÃO ENTRE OS ESTILOS FORMAL E INFORMAL NOS DIALETOS PB⁷ E SAPEENSE

Assim, pode-se afirmar que o grupo [e, ɛ] apresenta a maior variação fonética dentre as vogais postônicas mediais. Silva (2002, p. 90) assevera que:

Em alguns casos, o “e ortográfico postônico medial” pode reduzir-se a [ɪ]. Nestes casos temos pronúncias como “hipó[ɥ]se, almôn[dʒɪ]ga” em que a palatalização do t/d demonstra a ocorrência da vogal alta anterior i. O “e ortográfico postônico medial” pode também se reduzir a zero (...). Neste caso temos grupos consonantais anômalos ocorrendo em posição postônica: númro/número; hipótze/hipótese. Em algumas palavras, a omissão da vogal postônica medial causa a omissão concomitante da consoante que a segue: númo/número; câma/câmara.

Há o caso em que o “e ortográfico postônico medial”, como coloca Silva (2002), pode aparecer como uma vogal central alta não arredondada [ɨ], ocorrendo em posição postônica não final no português brasileiro, em fala informal, como nas palavras *número*, *cérebro*,

⁶ Consoante Silva (2002, p. 90).

⁷ Ver Silva (2005, p. 87).

helicóptero. Já no português europeu, essa vogal corresponde ao **e** ortográfico, que pode ser opcionalmente omitido: [ˈnumɾu] ~ [ˈnumiɾu] “número”; [ˈpzar] ~ [piˈzar] “pesar”.

Segundo Câmara Jr (1977, p. 58), no PB, há duas séries de fonemas vocálicos: os de articulação na parte anterior da boca, isentos de arredondamento dos lábios (/ɛ/, /e/, /i/, /y/); e os de articulação na parte posterior, provenientes de um arredondamento dos lábios (/ɔ/, /o/, /u/, /w/). A vogal /a/, tida como um fonema não arredondado, não se encaixa em nenhuma das posições há pouco mencionadas, já que se articula no centro, levemente anterior (CÂMARA Jr., 1977, p. 58).

4. O PROCESSO DE ABERTURA E DE ALÇAMENTO NAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS

Como se pode ver em (5), Câmara Jr (1979, p. 44) define o sistema vocálico do PB na posição medial como sendo formado por quatro segmentos. Segundo o autor, há uma neutralização para a posição postônica, que se dá apenas entre o /o/ e o /u/, não passando de mera convenção ortográfica sua grafia ora com *e*, ora com *i*. No entanto, em análise dos dados da cidade de Sapé, percebeu-se que a sistematização do quadro vocálico para a posição da postônica não final é composto por cinco vogais. Embora seja real a presença dos processos fonológicos nessas vogais (como o de abertura e o de alçamento das vogais /e/ e /o/ postônicas não finais), estes processos apresentam um comportamento variável entre a aplicação e a não aplicação.

Dessa forma, têm-se não apenas quatro segmentos vocálicos postônicos mediais (4), como proposto por Câmara Jr (1979), na variedade sapeense, mas um quadro simétrico de cinco vogais postônicas mediais, como em:

(6)

altas	/u/		/i/
médias		/o/	/e/
baixa		/a/	

Para melhor entendimento, o quadro abaixo apresenta alguns exemplos das formas com vogais postônicas não finais presentes no dialeto sapeense:

Postônica Não Final	Português Brasileiro	Dialeto Sapeense
I	música	mús[i]ca
E	pêssego	pêss[e]go
A	pétala	pét[a]la
O	agrônomo	agrôn[o]mo
U	círculo	círc[u]lo

QUADRO 4 – FORMA BASE DAS VOGAIS POSTÔNICAS NÃO FINAIS NO DIALETO SAPEENSE

A partir do quadro acima, fica evidente a presença de processos fonológicos como o de abertura e o de alçamento das vogais postônicas mediais, como expresso no quadro a seguir:

Postônica Não Final	Estilo Formal	Abertura	Alçamento
e	fenômeno	fenôm[ɛ]no ⁸	fenôm[i]no
	pêssego	pêss[ɛ]go	pêss[i]go
	número	núm[ɛ]ro	núm[i]ro
o	abóbora	abób[ɔ]ra	abób[u]ra
	árvore	árv[ɔ]re	árv[u]re
	pérola	pér[ɔ]la	pér[u]la

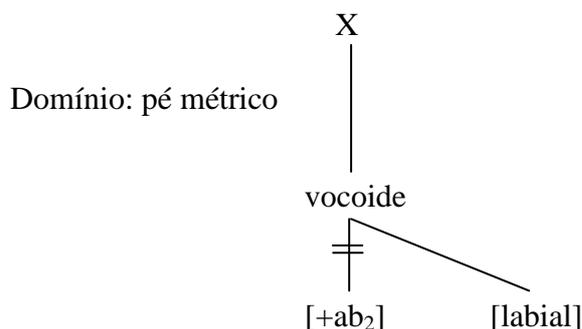
QUADRO 5 – PROCESSOS DE ABERTURA E ALÇAMENTO NO DIALETO SAPEENSE

A literatura já aponta para fenômenos recorrentes com vogais médias postônicas não finais. De acordo com Amaral (1999), no litoral sul do Brasil, é evidente a variação de /o/ e /u/ e de /e/ e /i/, pois, naquela comunidade linguística, se diz (*fósforu* ~ *fósfuru*), (*númeru* ~ *númiru*), (*alfândega* ~ *alfandiga*), (*hipótese* ~ *hipótise*), indicando que, em alguns dialetos, o sistema postônico não final é o mesmo das pretônicas, ou seja, um sistema de cinco vogais. Esta posição também é defendida por Vieira (1997), quando ela refere:

Apesar de as análises existentes sobre a neutralização na posição postônica não final centrarem-se somente na vogal /o/, pode-se constatar que a vogal /e/ também sofre elevação: *núm[i]ro*, *prót[i]se*, *sínt[i]se*, *cóc[i]ga*. No entanto, a vogal é preservada em contextos tais como *vésp[e]ra*, *câm[e]ra*, *úlc[e]ra*. O que se observa em relação à vogal /e/ na posição postônica não final é o fato de ela se realizar ora como /e/ ora como /i/, não havendo, aparentemente, um contexto que propicie ou bloqueie a elevação. No entanto, /e/ difere de /o/, porque a elevação de /o/ ocorre com mais facilidade. (VIEIRA, 1997, p. 102)

Wetzels (1992) reinterpreta o sistema vocálico do PB de Câmara Jr (1979) e propõe uma regra que neutraliza a oposição entre /o/ e o /u/ na posição postônica não final da seguinte forma:

(7) Regra de neutralização da postônica não final



Logo, é o pé o domínio da regra de neutralização da postônica não final proposto por Wetzels. A partir dessa regra, entende-se que, nas palavras marcadas por um acento excepcional, que é o caso das proparoxítonas, a última sílaba é considerada extramétrica,

⁸ É importante enfatizar que as palavras com contexto precedente nasal e/ou vogal tônica fechada tendem (não obrigatoriamente) a não sofrer processos fonológicos, embora algumas poucas palavras com contexto precedente nasal e vogal tônica fechada, sofram algum tipo de processo, tanto o de alçamento, quanto o de abertura.

porquanto fica fora da formação do pé. Seguindo este raciocínio, pode-se entender que o pé troqueu mórico de cabeça à esquerda é formado e a sílaba à direita torna-se um elemento fraco, como em [zi] na palavra *música*, em que o pé tem duas sílabas leves [mu.zi].

Esta regra, proposta por Wetzels (1992), aplica-se à vogal labial do membro débil do pé métrico. Ao retirar o traço [+ab₂], a diferença entre as vogais médias e as vogais altas é eliminada, favorecendo a vogal alta, como nos exemplos mostrados em (7).

Bisol (2003) afirma que este processo de neutralização, apresentado por Câmara Jr (1979) e reinterpretado por Wetzels (op. cit), *cria uma assimetria no subsistema de vogais postônicas mediais, desfazendo a assimetria inerente a todas as línguas naturais*. No entanto, propõe a hipótese de que as vogais postônicas mediais têm *status* flutuante entre o subsistema das átonas finais e das pretônicas, encontrando-se, desse modo, a grade de vogais flutuantes entre três e cinco segmentos. Esta ideia de flutuação da postônica não final em direção ao subsistema das vogais pretônicas é justificada por meio de dois argumentos propostos pela referida autora, a saber:

1. Há, nos dialetos da região sul, manifestações de alternâncias vocálicas como as seguintes: *fósforo* ~ *fósfuro*, *abóbora* ~ *abóbura*, *alfândega* ~ *alfândiga*, *epêntese* ~ *epêntise*, *córrego* ~ *córrigo*, *prótese* ~ *prótise*. Alternâncias estas que, por si, levam por terra a hipótese de Câmara Jr., pois indicam a presença do fonema Ĩ em posição postônica não final.

2. É possível relacionar, assim como no subsistema de vogais pretônicas, vogais neutralizadas a vogais preservadas (por derivação), como nos exemplos: *perolar* < *pérula* ~ *pérola*; *fosforear* < *fósfuro* ~ *fósforo*; *alfandegário* < *alfândiga* ~ *alfândega* (BISOL, 2003, p. 280).

Tomando por base a ideia de que a última sílaba é extramétrica em palavras proparoxítonas, fora da formação do pé, pode-se entender que o pé trocaico mórico de cabeça à esquerda se forma e, de acordo com Amaral (1999), *a sílaba à direita torna-se o elemento fraco, como (bo) na palavra abóbora, em que o pé tem duas sílabas leves (bobo); e (fo) em fósforo, que está fora do pé*.

Como bem observou Amaral (1999, p. 88), a aplicação da regra de neutralização da vogal postônica não final:

tem: como alvo a vogal labial do membro fraco do pé métrico e, ao desligar o traço [+aberto₂], elimina a diferença entre vogais médias e vogais altas, favorecendo a vogal alta: *fósf[u]ru*, *árv[u]ri*, *mét[u]du*.

Ao analisar um corpus com cerca de 100 palavras proparoxítonas não derivadas com /o/ na posição postônica não final, Vieira (1997) observa que, em alguns contextos de vogal postônica não final, a elevação da vogal medial labial é bloqueada, como em *cócoras* e *ágora*. A autora também mostra que há outros contextos em que o alçamento da vogal média labial à vogal alta labial é favorecido: *abóbora* ~ *abób[u]ra* e *ídolo* ~ *íd[u]lo*. Segundo a autora, isso indica que o contexto adjacente é responsável pelo processo de alçamento. Ela observou também que este alçamento de [o] para [u] ocorre, preferencialmente, depois de uma consoante labial, como em *árvore* ~ *árv[u]re* e *época* ~ *ép[u]ca*.

5. ANÁLISE DOS DADOS

O corpus utilizado nesta pesquisa revelou a presença de alguns processos inerentes à vogal postônica medial não final, como apresentados e exemplificados no quadro 4. Com isso observa-se que, em vez de se ter uma neutralização, tem-se uma redução variável, com o

maior uso de regras de abertura e, em proporção menor, o de regras de alçamento. Esta redução se mostra frequente tanto nas vogais postônicas mediais labiais quanto nas mediais coronais. Vale frisar que não há um contexto específico que engatilhe ou bloqueie os processos fonológicos que ocorrem nas vogais mediais, como exposto acima.

É importante lembrar que tais processos, tanto de abertura, quanto de alçamento, ocorrem com frequências diferenciadas. Ou seja, ocorre maior abertura com a vogal coronal [e] (.71), como por exemplo: número ~ núm[ε]ro; cócega ~ cóc[ε]ga; helicóptero ~ helicópt[ε]ro.

Já a vogal média labial [o] é a maior responsável pelo processo de alçamento nas vogais postônicas mediais (.83), fazendo com que [o] passe a [u], como em: pérola ~ pér[u]la; árvore ~ árv[u]re; semáforo ~ semáf[u]ro.

Um contexto propício ao alçamento é o contexto fonológico precedente. Observou-se que, quando há uma consoante líquida vibrante (.74), o processo de alçamento torna-se mais usual. Vieira (1997) e de Amaral (1999), não apontaram nenhum contexto que engatilhasse ou travasse o processo de elevação. Mas, tanto nesta pesquisa, quanto na pesquisa das autoras acima mencionadas, o processo de elevação do [o] ocorre mais frequentemente⁹.

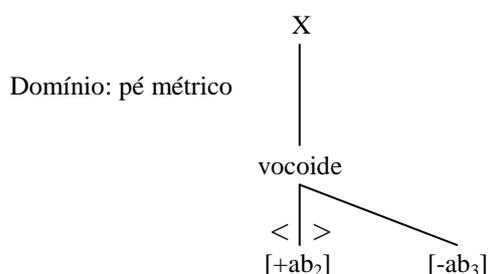
Cabe aqui, então, a apresentação de um ajuste da regra (7), já que Câmara Jr. aponta a labial como sendo alvo da neutralização, tomando por base o trabalho no dialeto carioca¹⁰. Assim, após os estudos aqui apresentados, conclui-se que esta regra não se aplica ao uso linguístico sapeense, dada a variedade existente entre a aplicação do processo de abertura e do de alçamento no dialeto em questão.

Sendo assim, propõe-se uma regra de redução para a postônica não final, tomando por base o sistema de traços de abertura das vogais tônicas do PB apresentada por Wetzels (1992, p. 22).

Abertura	i/u	e/o	ε/ɔ	a
ab ₁	-	-	-	+
ab ₂	-	+	+	+
ab ₃	-	-	+	+

QUADRO 6 – TRAÇOS DE ABERTURA DAS VOGAIS TÔNICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A partir do quadro 6, desfaz-se a oposição entre vogal média alta e vogal média baixa, apagando os valores do traço [aberto 3], seguindo a mesma linha de entendimento de Amaral (1999, p. 90), que propõe, então, uma regra postônica não final, em sua região, e dá a seguinte explicação:



⁹ Como no sul do país o processo de abertura não é tão frequente como no Nordeste, é normal que as autoras não tenham encontrado (se é que foi observado) tal processo nessas vogais. Em contrapartida, o processo de alçamento seria mais fácil para elas controlarem, já que este é um fenômeno mais recorrente naquela região.

¹⁰ Mesmo não sendo esta uma pesquisa sociolinguística, mas apenas de caráter observacional.

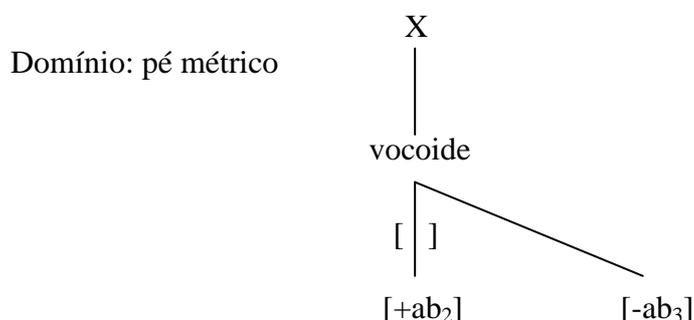
A partir do exposto acima, acerca da *abertura* e do *alçamento* das vogais postônicas não finais, é possível afirmar que em Sapé-PB:

- A vogal postônica tende a sofrer mais o processo de abertura que o de alçamento;
- O processo de abertura é engatilhado pela vogal aberta tônica (55);
- A vogal fechada tônica inibe a abertura das vogais;
- A vogal postônica não final apenas sofrerá processo de alçamento quando houver uma líquida vibrante¹¹ ou uma oclusiva nasal como consoantes precedentes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto acima, é possível formalizar a seguinte regra de domínio do pé métrico para as vogais postônicas não finais na variedade linguística sapeense:

(10)



Os símbolos [] significam *abertura* e *alçamento* variável da vogal em estudo; e onde a desassociação acarreta apagamento. Logo, o quadro proposto por Câmara Jr. (49) não terá o mesmo valor na variedade da cidade de Sapé. Portanto, o quadro apresentado por Câmara Jr. sofrerá uma modificação, passando a um quadro simétrico de cinco vogais postônicas não finais:

(11)

altas	/u/		/i/
médias	/o/	/e/	
baixa	/a/		

passível ainda de variação nas vogais médias:

(12)

altas	/u/		/i/
médias altas	/o/		/e/
médias baixas	/ɔ/	/ɛ/	
baixa	/a/		

¹¹ Quando há uma líquida vibrante como, consoante posterior, a vogal postônica não final também sofre o processo de alçamento, mas isso só ocorre com o vocábulo *número*, por isso, não foi considerado na regra.

7. REFERÊNCIAS

- AMARAL, Marisa Porto do. *As Proparoxítonas: teoria e variação*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1999.
- BATTISTI, Elisa; VIEIRA, M. J. B. O Sistema Vocálico do Português. IN: BISOL, Leda (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 171-205.
- BISOL, Leda. *O Acento: Duas alternativas de análise*. Ms., 1992.
- _____. (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 4ª Ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2005.
- _____. *A Neutralização das Átonas*. *Revista Letras*. Curitiba: UFPR, n.61, especial, 2003. 273-283.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CRYSTAL, David. *A Dictionary of Linguistics & Phonetics*. 5ª ed. Blackwell Publishing, 2004.
- LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York*. Washington, D.C., Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University Pennsylvania Press, 1992.
- LIMA, Gisele O. *O Efeito da Síncopa nas Proparoxítonas: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano*. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2008.
- MAGALHÃES, José Sueli de. *O Plano Multidimensional do Acento na Teoria da Otimidade*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2004.
- PEREIRA, Regina Celi M. *As Vogais Médias Pretônicas na Fala do Pesseense Urbano*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 1997.
- RAMOS, Adriana Perpétua. *Descrição das Vogais Postônicas Não Finais na Variedade do Noroeste Paulista*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNESP, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix.
- SELKIRK, E. The syllable. IN: HULST, H; SMITH, N. *The Structure of Phonological Representations*. Foris Publication, 1982.
- SILVA, André Pedro da. *Supressão da Vogal Postônica Não Final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar Sapeense*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: UFPB, 2006.
- _____. *Vogais Postônicas Não Finais: do sistema ao uso*. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFPB/PROLING, 2010.
- SILVA, Thaís Cristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 8ed. Revisada – São Paulo: Contexto, 2002.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2002.
- VIEIRA, M. J. B. As Vogais Médias Postônicas: uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs). *Fonologia e Variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 127-159.
- WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M. I. (1968) Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P., MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press. p. 95 - 195.
- WELZELS, Leo. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. IN: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, 1992. nº 23. 19-55.